



AMANDA PEROBELLI/REUTERS

wsmur

Temporal e tragédia no Sul

Desastres naturais custaram mais de R\$ 105 bilhões ao País no ano passado

— Governo federal tenta pacote de ajuda ao RS junto com Congresso e Judiciário para liberar recursos fora das limitações fiscais, além de renegociar dívida do Estado com União

Inundação e deslizamentos no Rio Grande do Sul deixam desde a semana passada um rastro de destruição, com 78 mortes (outras 4 estão em investigação), 105 desaparecidos, mais de 16 mil pessoas em abrigos e mais de 80 mil desalojados até ontem. Além das vítimas, desastres naturais também trazem uma onda de prejuízos. Nos dias e semanas seguintes, são contabilizados os efeitos da destruição de moradias, equipamentos públicos e da produção econômica nas regiões afetadas.

Em todo o ano passado, os desastres naturais causaram prejuízo de R\$ 105,4 bilhões ao Brasil, segundo levantamento da Confederação Nacional dos Municípios (CNM). Os dados foram obtidos por meio de relatos de Estados e prefeituras ao Sistema Integrado de Informa-

ções sobre Desastres SziD, do Ministério da Integração e Desenvolvimento Regional.

Em 2023, os desastres afetaram 37,3 milhões de pessoas no País, deixando 126,3 mil desabrigados, 717,9 mil desalojados e 258 mortos. O setor privado arcou com 69% do prejuízo — R\$ 72,6 bilhões. Prejuízos públicos somaram R\$ 23,8 bilhões (22,6%) e houve ainda danos materiais de R\$ 8,8 bilhões (8,4%). As secas representaram 51% do total, com prejuízo de R\$ 53,7 bilhões. Já as chuvas deixaram danos de R\$ 51,4 bilhões (48,7%). De janeiro a dezembro, foram decretadas 6.322 situações de emergência, sendo 50,3% por chuvas. O Sul teve 33% dos decretos, seguido pelo Nordeste com 29,8%.

A agricultura foi o setor econômico mais afetado, com prejuízos de R\$ 53,6 bilhões, en-

quanto a pecuária perdeu R\$ 15,3 bilhões. Os prejuízos com abastecimento de água potável foram de R\$ 10,8 bilhões; com obras de infraestrutura, de R\$ 3,9 bilhões; e com habitação, de R\$ 3,5 bilhões.

Eventos climáticos
Em 2023, agricultura foi o setor econômico mais afetado, com prejuízos de R\$ 53,6 bilhões

Uma das principais catástrofes climáticas do ano passado também ocorreu no Rio Grande do Sul, quando chuvas resultantes de um ciclone extratropical deixaram 54 mortos e destruíram várias regiões, sobretudo a do Vale do Taquari.

Na tragédia atual, a CNM estima que, entre as manhãs de

segunda e sexta da última semana, os prejuízos ao Estado tenham atingido R\$ 275,3 milhões. O governador Eduardo Leite disse no sábado que o Estado “vai precisar de uma espécie de Plano Marshall de reconstrução”. Há registro de barragens rompidas, estações de tratamento de água avariadas, estragos em pontes e estradas e comprometimento de estruturas antienchente.

Quando o evento extremo vem com o sinal oposto, os efeitos também saem caro. A estiagem histórica em grande parte da Amazônia em 2023 secou rios, atrapalhou o transporte fluvial e afetou até a produção da Zona Franca de Manaus. A baixa no nível dos cursos d'água também afeta a produção de energia elétrica. Desde o segundo semestre de 2023, o planeta é influenciado pelo fe-

nômeno El Niño, que eleva as temperaturas globais e intensifica precipitações e estiagens. O El Niño deve acabar nas próximas semanas, mas especialistas alertam que eventos extremos ficarão cada vez mais intensos e frequentes por causa do aquecimento global.

CENÁRIO DE GUERRA. O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), disse ontem que o Estado vive um cenário de guerra, teremos de ter o tratamento também do pós-guerra”, disse. “Vamos ter de trabalhar à altura do que o momento histórico nos exige.”

A declaração foi feita ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que foi ontem ao Estado com nove ministros. Os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Ro-